

Um superávit bem construído

economia - Brasil

O Brasil terá em 2001 o primeiro superávit comercial em sete anos. O governo comemora o resultado surpreendente. Também festejou, no final de 1994, o primeiro déficit mensal causado pela combinação de moeda valorizada, abertura comercial e consumo em alta. Naquele ano ainda houve um saldo positivo, US\$ 10,5 bilhões. Desde 1981 a receita do comércio externo havia sido sempre maior que a despesa. Em 1984 começou a era dos megasuperávits, quase sempre acima de US\$ 10,5 bilhões. Essa fase estava encerrada, anuciaram triunfalmente alguns dos pais do real. O País tinha uma âncora cambial para conter a alta de preços. Os déficits na conta corrente do balanço de pagamentos seriam financiados com poupança externa, a partir de 1995, e isso ajudaria o Brasil a crescer mais velozmente. O plano deu errado, como previram, na época, uns poucos analistas que ainda se lembravam do que era uma crise no balanço de pagamentos. Foi preciso reprender a lição do modo menos confortável. Nada mais compreensível, portanto, do que a alegria causada pelo saldo de US\$ 2,32 bilhões acumulado, em 2001, até o dia 23 de dezembro.

Até o meio do ano, pouca gente se arriscava a prognosticar um saldo equilibrado. Os mais

otimistas ainda incluíam, em suas estimativas, um déficit em torno de US\$ 500 milhões. Na primeira semana deste mês, a mediana das projeções coletadas no mercado financeiro, pelo Banco Central, apontava um superávit de US\$ 1,7 bilhão para 2001. Para 2002, o número esperado era US\$ 4,8 bilhões. A melhora do resultado seria ocasionada, segundo os analistas, principalmente pela redução das importações. Com a retração econômica mundial, não haveria espaço para exportar muito mais que no ano passado. Em contrapartida, o desaquecimento da economia brasileira, explicado pelo cenário externo e pela escassez de eletricidade, derrubaria as compras externas.

A história foi um pouco diferente. Para começar, a retração econômica foi menos grave do que se projetava. Apesar disso, o gasto com importações, até 23 de dezembro, foi apenas 0,85% maior que o do ano anterior, chegando a US\$ 55,06 bilhões. A receita de exportações, no entanto, aumentou 6,43% e totalizou US\$ 53,92 bilhões. Isso se explica, em parte, pelo aumento das vendas de produtos básicos.



O resultado teria sido bem mais modesto, certamente, se não tivesse havido um considerável esforço de venda. Aumentaram os embarques de produtos para novos compradores. Exemplo: as vendas de minério de ferro para a China, até novembro, foram 85,4% maiores que as de um ano antes e rendem US\$ 452,98 milhões. No entanto, as exportações totais desse item ficaram praticamente

estáveis. Isso quer dizer que a receita, em 2001, teria diminuído, se os exportadores tivessem ficado passivos diante da crise internacional. Para muitos analistas, seria perfeitamente normal essa atitude. E mais uma vez um resultado adverso seria atribuído a causas externas. Não é assim que se conduz o comércio – e os melhores empresários brasileiros sabem disso. No governo, algumas pessoas começam a adotar atitude semelhante.

A pauta de exportações também vem sendo alterada. A mudança mais notável é a ascensão da Embraer à condição de maior exportadora. Seria desejável uma transformação mais veloz, mas, apesar de tudo, resultados co-

meçam a surgir em vários setores. Além disso, a mudança cambial, iniciada em janeiro de 1999, tem permitido uma nova substituição de importações. Esse fator – e não apenas a retração econômica – explica a diminuição dos gastos com produtos estrangeiros.

O governo poderia ser muito mais eficiente no apoio às exportações e à substituição de importações. Só agora a Lei de Informática, aprovada há um ano, está sendo aplicada, com a aprovação dos primeiros projetos de investimento. Este é um exemplo de como as questões de produção

Até o meio do ano pouca gente se arriscava a prever saldo equilibrado

e de comércio têm sido tratadas em Brasília.

Para o próximo ano, as projeções correntes apontam um superávit comercial entre US\$ 4 bilhões e US\$ 5 bilhões. Mais do que fazer prognósticos, é preciso trabalhar para converter esses números em realidade. Os empresários têm mostrado que sabem o que é preciso fazer. Em Brasília a mudança está apenas começando.